

Sons, Caixas e Corpos

Perseguindo Caixas de Som em Belém do Pará

Bárbara de Souza Aquino

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1454>

DOI: 10.4000/pontourbe.1454

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

ISBN: 1981-3341

Referência eletrónica

Bárbara de Souza Aquino, « Sons, Caixas e Corpos », *Ponto Urbe* [Online], 14 | 2014, posto online no dia 31 julho 2014, consultado o 15 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1454>

Este documento foi criado de forma automática no dia 15 setembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Sons, Caixas e Corpos

Perseguindo Caixas de Som em Belém do Pará

Bárbara de Souza Aquino

NOTA DO AUTOR

Relato de ida a campo na região do comércio no centro de Belém do Pará, parte de pesquisa para ProIC CNPq/CAPES, orientada pela Profa. Dra. Luciana Hartmann e também de pesquisa para monografia de final de curso de graduação em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia, orientada pela Profa. Dra. Antonádia Monteiro Borges. Esse relato é um resumo de diários de campo escritos no período de 18 a 28 de março, contendo os principais pontos que irei discutir em minhas pesquisas em andamento.

A pesquisa envolve gravações sonoras, podendo algumas ser acompanhadas neste link: <https://soundcloud.com/etnografiasonoras>

No domingo, acabei acompanhando a família de Emídio a um passeio até a Ilha do Cumbu, do outro lado da Baía do Guajará. Uma saída da cidade para um lugar que se você não olhasse para trás remeteria ao meu imaginário de floresta Amazônica. Habitações e restaurantes sobre palafitas, com nomes dos restaurantes variando em torno de “Maloca” e “Saudade”; o que fui, conhecido como Bar do Careca, havia mudado para algo parecido a “Saudosa Maloca”, confesso que não lembro exatamente.

Água marrom, uma grande palafita, o lugar um tanto quanto cinematográfico. Pedimos uma comida e depois a chuva nos fez ficar ali a tarde inteira. O som? Brega! Careca tem uma aparelhagem de som que deve medir 2 metros de altura e sua função ali era cuidar da música, e não só a música, mas sua participação ativa com um microfone também contava. Ele incentivava a dança e agradecia a presença de todos no seu recinto, fazendo uma propaganda do lugar. Alguns casais um tanto profissionais usavam o chão de madeira para uma dança. Uma das tias do meu amigo pediu o cavalheiro “emprestado” para uma dança e foi autorizada por sua companheira. O brega que tocava ali não era *tecnobrega*, mas sim o chamado “brega saudade”. (Trecho de diário de campo, setembro 2013)

- 1 As citações acima são do diário de campo da visita feita em setembro de 2013 à cidade de Belém. Selecionei-as pois essas duas cenas acabaram por me inspirar na segunda ida à campo em março de 2014. A presença do som e mais especificamente das caixas de som no cotidiano da cidade e as interações sujeitos/tecnologias podem ser consideradas a base de onde parti. A intenção dessa ida a campo foi começar a traçar alguns possíveis fios para a pesquisa que ainda estava um pouco vaga. Se de início meu interesse seria mais diretamente ligado ao ritmo *tecnobrega* como uma produção musical construída junto a algumas companhias, como computadores, celulares, youtube, rádio e diversos aparatos tecnológicos que apareceriam não apenas como instrumentos, mas sim como mediadores essenciais para esse fazer musical, isso acabou sendo transformado pelas duas visitas a Belém, o campo me levou para outros caminhos. Talvez não tão distante, pois persigo essas outras companhias que estão presentes tanto nesse fazer musical quanto nas ruas, caixas de som, CDs, DVDs, microfones, que também estão sempre acompanhadas do ritmo *tecnobrega* e de outros.
- 2 O andar pelo centro da cidade me despertou a atenção para uma presença generalizada das caixas de som, que habitam tanto lojas, barraquinhas de camelôs, postes ou são móveis, nas bicicletas com equipamento de som ou carros de som. Sim, o brega e suas variações, como o *tecnobrega*, o *eletromelody*, por exemplo, são os principais sons a ecoar dessas caixas, mas não os únicos, podendo variar de rock'n roll a pagode, juntamente sempre a anúncios comerciais. A partir disso não pude me ater especificamente a um gênero musical, apesar de a experiência nesse andar na rua me fazer refletir sobre a relação entre esse fazer musical do brega que se dá por elementos que estão presentes no cotidiano da cidade, como caixas de som, CDs e DVDs vendidos por camelôs, por exemplo.
- 3 Na manhã do dia 18 de março embarco para campo, chego na cidade um pouco depois da hora do almoço e vou ao Ver-o-Peso. Já chegando, avisto, na pista em frente ao mercado, uma motocicleta equipada com um toldo de chuva e com uma caixa de som, o homem sentado nela faz anúncios e ao fundo há música. Seguimos para comer algo e em seguida ele reaparece contando causos e vendendo CDs perto de nós. Aproveito a sua proximidade para perguntar de seu trabalho, que tipo de músicas ele vendia e desde quando tinha a motocicleta. Além de fazer anúncios, Sena vendia um CD com um repertório de bregas “da saudade” que seriam bregas antigos (anteriores aos anos 2000) e clássicos paraenses. Só do tempo em que ele estava no meu campo de visão várias pessoas o abordaram para comprar o CD, que tinha sua capa original amarela de CD virgem. Ele me contou que havia 18 anos, em uma época que estava se aproximando de Deus e estava andando na rua e a viu jogada a motocicleta no lixo e montou, mas que já tinha trocado por uma nova. Sobre a caixa de som ele me deu o seu cartão e o cartão da loja que teria instalado a caixa de som para ele em troca de alguns anúncios. Sena me pareceu bom nas trocas, pois inclusive seu cartão era de quebra o cartão de uma joalheria. No tempo em que ele ficou próximo de nós consegui perceber que a maioria de suas interações com as outras pessoas se davam a partir do microfone, inclusive todo mundo já sabia que eu era de Brasília devido ao seu anúncio.
- 4 No segundo dia fui dar uma caminhada pela região do comércio no bairro Campina nas ruas que são paralelas ao mercado Ver-o-Peso, à Rua 15 de Novembro, Conselheiro João Alfredo e 13 de Maio. Levei apenas o gravador de áudio e gravei durante uma caminhada começando pelo beco que atravessa da 15 de Novembro para a João Alfredo e caminhando por esta última rua de ponta a ponta, indo por um lado e voltando pelo

outro lado da calçada. Nessa primeira caminhada tentei prestar atenção nos sons presentes e quais seriam as fontes. Além de todos os sons comuns a uma cidade, como barulho dos automóveis, de conversas, telefones celulares, essa rua é especialmente povoada com caixas de som: as dos postes, as das barracas de camelôs que ocupam o meio da rua, não sendo possível o trânsito e automóveis e também as das lojas. A cada passo que eu dava o ritmo musical mudava e as vozes dos locutores soavam interagindo com as pessoas que passavam pela calçada.

- 5 Nos dias seguintes mantive uma rotina de fazer essas caminhadas pela região gravando áudios e também resolvi conversar com essas pessoas que estavam mais diretamente envolvidas com essas caixas de som. Marquei primeiro um encontro com Sena e sua motocicleta na quinta-feira, dia 21. Ele combinou comigo às 16h, pois seria a hora em que ele ficava mais parado para fazer seu show, pois no restante do dia ele tinha que se movimentar para buscar músicas a pedido de seus clientes. Avistei-o e indo em sua direção, ele pediu para eu segui-lo até o local de seu show. Perguntei se poderia filmá-lo e fiz umas imagens dele pela rua. Fomos até a beira do rio onde ele faz o seu show. Ele anunciava a todos ali a minha presença, que estava sendo filmado para uma pesquisa da universidade. Filmei um pouco o momento do começo do show e pedi pra ele ir contando sobre a motocicleta, ele explicou que criou um gerador de energia ligado o seu computador para tocar algumas músicas no seu show, também me contou quais eram as táticas que ele usava para vender CDs. Uma delas era falar que a quantidade de “cornos” no Pará estava crescendo e como “corno só é corno porque não dá presente para sua mulher”, a solução seria comprar um CD com ele. Começou a chover e encerramos a entrevista já estava perto das 18h, o meu limite. Combinamos de nos encontrar e também fazer uma conversa sobre sua vida e ele disse que me contaria de quando ele pegou sua ex-mulher com outro na cama. Sena era muito requisitado, todos paravam para falar com ele ou comprar um CD, além disso ele criava uma aglomeração de pessoas pela sua presença acompanhado de sua motocicleta e do som, o que acabou tornando difícil conversar muito tempo com ele, passei a maioria do tempo filmando.
- 6 Não consegui encontrá-lo novamente devido as chuvas no período da tarde. Mas esse encontro me fez pensar algumas questões:
- 7 Uma primeira foi sobre o conflito pelo som, enquanto eu estava conversando com ele uma dupla de policiais passou por nós e ele me disse “eu não tenho medo deles não”, perguntei se havia algum problema e ele disse que sim pois às vezes eles mandam desligar o som e Sena questionava “qual o problema nisso aqui?”. Esse conflito sobre a presença do som foi algo presente em todas as conversas mesmo que eu não tenha perguntado sobre o assunto com pessoas que conversei.
- 8 Uma segunda, pensando em como esses sons agiam naquele lugar, foi a aglomeração das pessoas em volta de Sena e de sua música, umas que gostavam de suas histórias e outras que pediam para ele parar de falar e a tocar música, a chuva acabou dispersando pois tiveram que abaixar o toldo para não molhar as barracas, o que separou as outras pessoas que iriam se proteger da chuva de Sena que tinha sua própria proteção e não cabia debaixo da tenda do mercado que tem as bancas umas bem coladas às outras e com cadeiras e mesas em todo espaço vazio possível. Uma festa cotidiana, um momento de descontração não só para os que estão ali sentados bebendo uma cerveja e que já terminaram seu horário de serviço, mas também para quem está trabalhando, o que não exclui estarem bebendo cerveja ao mesmo tempo. Essa presença da caixa de som tornando possíveis encontros, abrindo um espaço público, uma festa espontânea,

deixando oportunidades ao inesperado. Como eu relatado, a chuva dispersou as pessoas presentes, mas Sena me contou que se não fosse ela ali estaria lotado de pessoas.

- 9 Uma outra foi sobre a própria imagem de Sena sentado em sua motocicleta entre fios e botões, dando uma impressão de continuidade entre a pessoa e máquina. Sua interação com as pessoas se dava a partir do microfone, inclusive comigo, se eu fizesse alguma pergunta ele respondia pelo microfone.
- 10 Nesse mesmo dia antes de encontrar Sena resolvi andar novamente pela João Alfredo e conversar com os locutores. Já na esquina vi um locutor ao lado de fora da loja. Apresentei-me como aluna da universidade fazendo pesquisa e perguntei se eu poderíamos conversar. Como eu havia preparado somente algumas questões para Sena, acabou sendo no improviso. Fiz perguntas como “Há quanto tempo ele trabalhava com isso?”, “É uma função exclusiva?”, “Como começou?”, “Por que usar um microfone ao invés do boca a boca?”, “Quem faz o repertório musical?”, “A presença da música muda alguma coisa?”, “Como você nota esse som na cidade como locutor e como público?”.
- 11 Fran, o locutor do povão, como ele mesmo se apresentou, contou que há muito tempo trabalha com som, é maranhense e desde lá ele era DJ nas radiolas e como chegou em Belém com experiência ele facilmente encontrou emprego. Ele é contratado para ser somente locutor e fazer propagandas. Para ele é essencial ter um microfone, pois sem isso as pessoas não escutariam e a presença da música teria uma função importante de deixar a voz dele mais limpa no áudio que sai da caixa de som. A questão do volume é um conflito, ele apesar de dizer ser essencial o microfone, diz que tem um volume certo para não incomodar as pessoas.
- 12 Continuei andando pela rua e virei à esquerda e já na segunda loja havia um locutor, mas resolvi andar mais um pouco antes de parar e vi uma mulher, então a primeira locutora. Apresentei-me, assim como fiz com Fran e perguntei se poderia fazer algumas perguntas e ela observou que eu não estava anotando, nem gravando. Expliquei que era o primeiro dia que tentava esse diálogo e que não preparei perguntas sem saber da possibilidade de fazê-la por causa da disponibilidade dos locutores. Ela aceitou conversar e segui a mesma linha de perguntas e além delas perguntei se era uma das únicas mulheres e ela disse que sim, que só haveria ela e mais outra na rua no mercado. Disse-me que trabalhava como locutora havia oito anos, vindo do interior e ao procurar emprego como vendedora em uma loja, o dono ofereceu uma vaga para locutora em outra loja; ela não estava interessada mas, ele insistiu justificando que ela teria uma bela voz.
- 13 Cléo - esse era seu nome - não tinha nada a perder e resolveu tentar a vaga; o dono dessa segunda loja, esperava outra candidata pois queria uma mulher nessa função. Essa candidata não apareceu e desde então Cléo trabalha no ramo. No começo ganhava 20 reais, agora passou a 50 reais e prefere trabalhar sem carteira assinada, cobrando as diárias, pois tem mais lucro. Disse também que não gosta de cobrança, que faz o trabalho dela, que não fica gritando toda hora para os clientes, que gosta do som mais baixo para que os passantes entendam qual é a promoção da vez. Assim, como Fran, não é ela que faz a repertório musical, mas ela gostaria, pois para ela a música, além de não poder faltar de nenhuma maneira, tem que ser animada para fazer efeito. É algo essencial para que ela consiga fazer uma boa propaganda e “entre no espírito”, pois se a música está triste ela também fica. Ela também perguntou o que eu estudava, contou sobre uma pesquisa que a prima dela fez sobre moda de periferia e me falou de um locutor de São Paulo, da Rua 25 de março, que lá era bom de locutores. Perguntei se ela

já havia ido aí. Disse que não, que viu uma reportagem no programa Vídeo Show da TV Globo e também haveria uma novela com um locutor como personagem mas que não lembrava o nome.

- 14 O encontro com esse locutor que Cléo sugeriu acabou ficando para um outro dia. Nesse dia resolvi ir andando até a região do comércio, o que foi uma boa ideia, chegar a pé e perceber quais são as especificidades dessa região. Fui andando e quando chego na praça Barão Rio Branco, que é um pouco antes da Rua Gaspar Viana se transformar em 15 de Novembro as caixas de som nos postes começam a soar, avisto um caminhão de som todo caracterizado da loja Moda Show, que por coincidência era a loja em que trabalhava Ismael, locutor sugerido por Cléo. Antes de lá chegar fui andando subindo a praça, algo que me chamou atenção foi um vigia parado encostado em um carro e no cós de sua calça havia pendurado seu próprio rádio que tocava uma música. Ao invés de adentrar diretamente a João Alfredo, resolvi subir até a 13 de Maio, onde já não havia tantas caixas de som quanto em sua rua paralela.
- 15 Nessa caminhada por essa rua também gravei um áudio e pude perceber algumas coisas que eu não havia percebido antes. Na primeira esquina havia uma mesa montada com alguns CDs em cima de forma bastante improvisada e ao lado um caixa de som com o tamanho de mais ou menos 1 metro de altura. Comecei a perceber de que forma essas pessoas ligavam essas caixas de som, no caso das barracas de rua, que independente de vender CDs ou não poderia ter o seu próprio som. As caixas de som eram ligadas a partir de gambiarras, os famosos “gatos”, conectando a energia a partir dos postes das ruas.
- 16 Em seguida voltei à rua João Alfredo e fui enfim ao encontro de Ismael. O lugar de trabalho de Ismael fica bem abaixo da caixa de som do poste da rua, o que ele disse que as vezes o atrapalha, pois as vezes eles aumentam o volume e ele também tem que aumentar o volume de sua caixa de som. Ismael me contou que para ter a caixa de som na loja é preciso ter licença e é necessário colocar a caixa de som uns 5 metros para dentro da loja, mas eles preferem não ter licença, “aqui é ilegal mesmo”, ele me disse, que às vezes vão e apreendem a caixa de som, mas eles insistem e recolocam outra. Além desse conflito com as caixas de som do poste, em às vezes tem que aumentar o volume porque a caixa de som está muito alta, isso também acontece em relação ao camelôs e às outras lojas, há um movimento de “ou todo mundo aumenta ou volume, ou todos abaixam no sentido de ter um volume que todos podem ser ouvidos” .
- 17 Diferentemente dos outros locutores com que conversei, é Ismael quem escolhe o repertório musical a ser tocado, e assim como Cléo, afirmou a importância de ter uma música animada como um “melody”, pois se ele colocar uma música romântica como “Esse cara sou eu” do cantor Roberto Carlos, ele “morre” e todos os funcionários também desanimam. A música para eles influi num estado de espírito, música animada trabalhador animado, música triste trabalhador triste. Para ele a presença da caixa de som também é essencial e ele não consegue entender porque algumas lojas não têm; para ele deve ser porque não querem pagar alguém.
- 18 Ismael ocupa o espaço da calçada à sua frente interagindo com todos que passam, perguntei qual era a diferença de ter um microfone sem fio e um com fio, ele disse que o sem fio permitia-lhe mais movimento pois se ficasse só parado no canto iria desanimar. E não conseguiria atrair tantos clientes.
- 19 Nessas caminhadas pela região do comércio do centro e também pelo mercado Ver-o-Peso em Belém do Pará, pode-se escutar diversos sons, passos, buzinas, vozes, toques de

celular e a cada passo um ritmo musical diferente, *tecnobrega*, *brega saudade*, *eletromelody*, *pagode*, na maioria das vezes acompanhados de anúncios feitos por locutoras e locutores que trabalham nas lojas que ficam camufladas pelas barracas de camelôs e ocupam o meio da rua. Essas sonoridades que ocupam lugar central na paisagem dessas ruas têm uma relação concreta com sua fonte, as caixas de som estão ali, nos postes, nas lojas, nos camelôs, carros de som, na rua acompanhando a performance de cantores e artistas locais e às vezes até em pequenos rádios pendurados à cintura. Essas caixas de som que mediam a relação entre corpos e cidade, de forma não fragmentada, ou seja, havendo uma relação de continuidade entre corpos, caixas e cidade, formando espaços, fazendo festas acontecerem, danças, movimentos e vibrações. Corpos que acompanhados dessas caixas de som são afetados e afetam os movimentos de um cotidiano no centro da cidade.

AUTOR

BÁRBARA DE SOUZA AQUINO

Graduanda em Ciências Sociais – Antropologia da Universidade de Brasília.